

**Entrevistado:** Rômulo Marccolo

**Entrevistadora:** Débora Zampier

**Rômulo Marccolo:** Meu nome é Rômulo Marccolo, sou médico, tenho 87 anos, nasci na cidade de Estrela do Sul, Minas Gerais, estou em Brasília desde 1957.

**Débora Zampier:** Com quantos anos o Sr. veio para Brasília e por quê?

**Rômulo Marccolo:** Ah, eu vim para cá primeiro porque eu ia para Goiânia, para onde estava minha família, ia clinicar em Goiânia, e me ofereceram Brasília. Naquela época tinha dobradinha, a gente ganhava em dobro e eu resolvi ir para Brasília. Por que eu trabalhava no hospital do servidor do Estado, que era o melhor hospital do Rio de Janeiro na época, eu era funcionário público federal do IPASE. Eu cheguei aqui em 13 de dezembro de 1957.

**Débora Zampier:** Vamos voltar um pouco antes. Contando da sua infância. Como é que era a família do senhor? Quero que o senhor fale um pouco da sua vida?

**Rômulo Marccolo:** Eu sou o segundo filho de uma família de nove. É aqui no Triângulo Mineiro, é a Estrela do Sul. Foram 8 irmãos, eu fui o primeiro a sair de casa e o primeiro a trabalhar. Então eu estudava no Liceu de Goiânia, era o melhor colégio lá e era público. Ele veio da cidade de Goiás com a escola técnica. Como só tinha a faculdade de Direito e a escola normal, em 1947, eu peguei um trem, um trem de ferro e fui parar no Rio de Janeiro. Fiz primeiro odontologia, naquela época eram três anos, depois fiz medicina, 6 anos e, era funcionário do hospital do servidor do Estado, para funcionários públicos federais. Frequentei a urologia no hospital Pedro Ernesto, que é o hospital hoje da UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Me ofereceram para vir para Brasília para ser o médico do IPASE, o IPASE foi o único dos IAP's do Instituto de Aposentadoria que ia construir, por conta própria, em vez de empreiteira, as quadras 206, 207 e 208. Onde eu vivi três anos, eu fui o primeiro médico do futuro plano piloto do Lúcio Costa, que seria o ex-rodoviário lá do sul de Lago Norte.

**Débora Zampier:** E quando o senhor chegou aqui como é que era? O senhor já tinha família?

**Rômulo Marccolo:** Eu era solteiro e saímos do Rio no dia cedo, que a viagem durava praticamente 10 horas. Passava por São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Anápolis, um sobe e desce danado. Eu cheguei aqui encontrei um núcleo de funcionários morando em um barracão, um velho barracão na 207 sul. E ali vivi durante três anos. Fui praticamente só, oito meses depois é que chegou outro médico, o Dr. Palman, para o IAPP, para os bancários. Chegou o Dr. Remi Toscano para o IAPIFEST, que era os IAP's, mas essas dois, esses dois IAP's construíram por meio de empreiteiras. Então eu vivi ali durante três anos e fazia de tudo, pediatria, clínica médica, parto eu fiz até debaixo de árvore naquela época, e me lembro que uma vez eu estava dando uma vacina tríplice no filho de um engenheiro, na nádega. "Pai esse médico não serve.". "Mas é o único que tem.".

**Débora Zampier:** E quando o senhor desceu do avião aqui, o que o senhor sentiu?

**Rômulo Marccolo:** Quando eu desci do avião só tinha um trilho aqui e no aeroporto antigo, que era de madeira. Atualmente é base aérea e passava inclusive onde hoje é minha área

verde aqui. Onde está a ponte corsa, a ponte das garças ai, tinha uma ponte de madeira. Esperaram um jipe, eu fui para um velho barracão. Isso tudo está escrito dentro de um livro do jornalista, historiador, Manoel Mendes, o livro testemunha de Brasília.

**Débora Zampier:** Mas aí, aí o senhor falo que tinha esses cenários bem, era uma aventura. O senhor estava animado? O senhor sentiu o quê? O senhor sentiu ia ser...

**Rômulo Marccolo:** Primeiro, que a gente é jovem, então tem muita energia e esperança. Então, estava em casa, por que daqui a Goiânia também era fácil de visitar os parentes. Mas as obras vieram em ritmo acelerado a partir de junho de 1957, foi quando a nova carta liberou o plano para as empreiteiras. E também Henri nessa época foi inaugurar o HJKO, que hoje é o Museu Vivo da Memória Candanga.

**Débora Zampier:** E aí, o senhor falou que tinha parentes em Goiânia. Era fácil o trânsito entre as cidades assim ou era complicado?

**Rômulo Marccolo:** Daqui a Goiânia demorava muito. Então depois desses três anos morando em uma superquadra atrás, tem foto de tudo isso, atrás do escritório central, eu fui para o hospital de base naquela época hospital distrital, com um colega que chegou dos Estados Unidos que... fazer longe, que a minha especialidade médica era urologia.

**Débora Zampier:** Houve alguma situação pela qual o senhor passou quando chegou em Brasília e que queira compartilhar?

**Rômulo Marccolo:** Por que naquela época ali perto da Cidade Livre houve uma aderência e eu recebi uma trégua. Ali tem a metropolitana, uma parte do Núcleo Bandeirante, Núcleo Bandeirantes, o aniversário dele é dezembro de 1956, que ele veio bem antes. Mas as construções todas estavam na Esplanada dos Ministérios e na Praça dos Três Poderes, por que Brasília era como o Egito antigo, palácios e monumentos. Uma cidade que abriga o poder federal e o poder local. Isso tudo está dentro de documentação que eu colecionei durante todo esse tempo.

**Débora Zampier:** No exercício da medicina assim, em seu dia a dia, principalmente no início, o senhor lembra de algum caso interessante ou caso curioso?

**Rômulo Marccolo:** Ah, teve caso. Na realidade, até 1959, começo de 1958, quase não tinha mulheres aqui. Eram homens solteiros de aparência, jovens a maioria que vinha do nordeste, até houve uma piada na época que diz o seguinte: o mineiro administrava, que era Juscelino e Israel Pinheiro quem construiu uma Brasília inicial naquela época. O mineiro administrava, o carioca esperneava, por que eles tiraram a capital de lá, o goiano espiava, o nordestino trabalhava e o paulista enriquecia.

**Débora Zampier:** E como é que era isso? Com esse monte de homem solteiro aqui, o povo não namorava, não tinha mulher, não tinha nada?

**Rômulo Marccolo:** Ah, tinha a zona em Luziânia e Formosa. Tinha zona de meretriz. Depois vieram para cá, criaram motéis, esse negó... Mas praticamente era gente jovem, que queria se firmar. Eu me lembro os que chegavam não tinham ofício nenhum, profissão nenhuma. Então chegava para poder ser fichado, para poder arranjar emprego e dizia assim, é... Eu me lembro que o funcionário do IPASE que recebia os, chegou o candango, dizia assim: “tem emprego aí emprego para servente?”. Então o funcionário respondia: “não! Servente não tem, mas tem pra carpinteiro.”

**Débora Zampier:** Então vieram muitas pessoas na intenção de fazer dinheiro, conquistar um emprego aqui?

2

2

**Rômulo Marccolo:** Ah, chegou. Daquele pessoal antigo nem tanto. Depois da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 60, quando veio a primeira leva de médicos fora de Brasília. Nós fomos os ‘piotário’, aqueles que estavam antes de vir 21 de abril de 1960.

**Débora Zampier:** ‘Piotário’?

**Rômulo Marccolo:** A gente era. Tá escrito em um livro. E, e, e aí, é veio o poder. Lá em Brasília só se consolidou 10 anos depois. Por que antes da inauguração de 21 de abril, JK trouxe aqui o General Eisenhower que foi o herói da segunda guerra mundial da Europa, pelos Estados Unidos. E os dez primeiros anos do hospital distrital, eu fui para lá em novembro de 1960. É, os dez primeiros anos a gente chamava os anos dourados da medicina. E essa turma que tem muitos colegas aí, ainda vivos, eram chamados a velha guarda.

**Débora Zampier:** Por que que eram anos de ouro? O quê que tinha naquela época assim?

**Rômulo Marccolo:** Por que já não tinha a balbúrdia que tem hoje. Então, os anos de ouro e a velha guarda, por que vieram pessoal qualificado para cá, especializado. Tanto que em 1964, apenas 4 anos depois da inauguração de Brasília, nós instituímos a residência médica no hospital de base. Residência médica é justamente para fazer especialidade, oftalmologia, cirurgia geral, ginecologia, obstetrícia, urologia, e ali vivi trinta e tantos anos, dentro do famoso. Atendia todo mundo, atendia todo mundo porque não tinha hospital particular, não tinha uma clínica particular. Então, atendia diplomata, atendia particular, atendia o fazendeiro da circunvizinhança e assim por diante. Para o pessoal de obras era o hospital do IAPI, HJKO dos industriários. Prestou um objetivo muito grande para mim, na cidade. Mas Brasília era pacífica. E a carga contra ela era violenta, a carga nacional contra ela.

**Débora Zampier:** O povo não gostava de Brasília?

**Rômulo Marccolo:** O povo nem participava disso. O que se chama opinião pública, até hoje clareia a realidade, sabe? O principal opositor era justamente o pessoal do Rio de Janeiro, esse pessoal do Rio de Janeiro estava O Globo, por que tiraram de lá a capital. Mas ninguém tirou do Rio de Janeiro as praias, o Cristo Redentor.

**Débora Zampier:** Quando o senhor saiu de lá para Brasília o povo falava o quê?

**Rômulo Marccolo:** O povo não estava porque era um negócio particular. A gente mesmo achava que seria um, não daria o prazo, mas Juscelino provou que além de um bom político e um bom dançarino, ele era um malabarista, porque ele apresentou o tesoureiro da nova carta dos empregados a UDN, naquela época a briga era entre UDN e PSD, e tinha um no meio que era o PTB do João Goulart, que foi eleito o vice-presidente naquela época, até o vice-presidente era eleito.

**Débora Zampier:** O senhor chegou aqui tão cedo, o senhor convivia com Juscelino?

**Rômulo Marccolo:** Não. A gente via o Juscelino, mas ele tinha que administrar o país no Rio de Janeiro, mas a pressão era grande.

**Débora Zampier:** O Juscelino vinha muito em Brasília?

**Rômulo Marccolo:** Ah, não. Aqui a gente nem via, não tinha jornal, não tinha televisão, não tinha nada, durante três anos aqui, a gente não via jornal. O Núcleo Bandeirantes era um verdadeiro faroeste, todo mundo de bota, botina, calça, então era o centro comercial. Por que as grandes construções na Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios, começo da Asa Sul fazia um bloco de 6 andares, a Asa Norte nem tinha iniciado.

**Débora Zampier:** O senhor falou que não tinha jornal nem nada, o quê que o senhor fazia? Qual era seu passatempo? Onde o senhor gostava de ir?

**Rômulo Marccolo:** Ah, não tinha esse negócio de diversão. A gente tinha diversão porque, na instituição tinha uma cantina para funcionários na 206 e tinha o restaurante dos trabalhadores. Tinha que examinar a comida todo dia, antes do trabalhador se alimentar. Eu morava dentro da quadra, 24 horas por dia. Na época de concretagem de laje tudo isso, é acontecia uma gripe, disenteria e tinha essas coisas principalmente. É, faz lembrar até consultava o vigia é o bravo e o forte. Viver é lutar, a vida é luta, os fracos se abatem, aos bravos e os fortes se pode exaltar. Não vinha médico para cá assim não. O velho barracão tem a foto dele aí, era um era escritório, refeitório e dormitório. Ele estava um pouco elevado do chão, por causa das enxurradas e bicho: cobra, sapo, eram coisas assim, é na 208 hoje, 208 super quadra sul 208.

**Débora Zampier:** Era um aposento pra cada um?

**Rômulo Marccolo:** Tinha, o IPASE, ele construiu casas de madeira confortáveis para os funcionários, engenheiros, arquitetos, e construiu também algumas casas para o trabalhador, mestre de obra, o encarregado, e assim por diante. E tinha o alojamento coletivo, tanto para funcionários, como para o trabalhador, só que do trabalhador, era grande o alojamento, mas ele recebia além de carteira assinada e um bom salário, ele recebia comida de graça, diversão de graça, porque o jornalista Manoel passava filmes de final de semana. Criou uma pequena biblioteca, isto na fase inicial 1958, porque depois foi acelerando o ritmo de Brasília de... 24 horas por dia.

**Débora Zampier:** O senhor falou que dormia no barracão, como é que era seu dia a dia?

**Rômulo Marccolo:** Eu dormia no fundo, eu tinha um pequeno apartamento no fundo do posto médico.

**Débora Zampier:** Aí o senhor acordava, já ia direto para o posto como é que era?

**Rômulo Marccolo:** Acordava quando me chamava, quando tinha, não ficava de vigília. Eu estava habituado aos plantões, que eu fui interno da Promater uma maternidade famosa do Rio de Janeiro, fui interno do hospital Getúlio Vargas, andei de ambulância ali para Ramos, Piedade, e fui também interno do Sandu, o Sandu do Rio, sobretudo ali na Rodrigo Izal, Praça Mauá, onde tinha 31 armazéns, do porto do Rio de Janeiro. O ambulatório ficava aberto de 7h da manhã, a fotografia mostra, eu tenho uma fotografia aí que mostra às 7h horas eu abria o ambulatório já tinha fila, mas ali não podia reclamar que estava com dor de barriga nem gripe, por que a gente tinha o remédio no ambulatório. No posto médico.

**Débora Zampier:** Quando havia um caso mais grave? Por que o senhor falou que depois de um tempo começou avançar muito a medicina aqui, mas no começo como era resolvido?

**Rômulo Marccolo:** Agora as medidas de precauções na época se fossem precárias, é só um trauma de uma maneira geral, uma queda um negócio desse, mas isso era raridade, era raridade, por que a pessoa dormia, comia, tudo num lugar ondem eles trabalhavam. É diferente das empreiteiras dos outros IAPI's que num dava nada, se está doente, se está com uma gripe, disenteria, 39, 40, tinha que ir para o hospital do IAPI daqui a 12 km da 208.

**Débora Zampier:** E quê que o senhor mais atendia naquela época? Qual eram os problemas mais recorrentes?

**Rômulo Marccolo:** Ah, clínica geral, né? Disenteria, gripe, pequenos traumatismos a gente mesmo suturava, essas coisas, é medicina geral. Depois de 1958 começaram. Final de 1958 começaram a chegar as esposas. Porque aqui os casados estavam solteiros, então o IPASE ofereceu casa para alguns funcionários de obra, e a gente atendia homem, mulher e criança.

**Débora Zampier:** O senhor conheceu sua esposa aqui em Brasília?

**Rômulo Marccolo:** Não, eu conheci ela no Rio. Ela era enfermeira e eu conheci no Rio. Era aqui de Goiás mesmo, nasceu no estado de Goiás.

**Débora Zampier:** Vocês se casaram aqui?

**Rômulo Marccolo:** Casamos em Goiânia, no dia do meu aniversário, 25 de julho. Então um tempo de saudades, mas também um desafio. Israel Pinheiro tem uma frase muito bonita aí que a gente estava a 1000 km dos grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro. Longe de tudo, então o material vinha pela estrada de ferro, diziam que vinha de avião, isso era impossível, naquela época tinha DC3, essas coisas para passageiro, teco-teco. O aeroporto de Goiânia era precário, então se fazia tudo para que Brasília não saísse. Saiu mais por uma questão de legislação, de ser uma determinação da primeira constituição brasileira de 1891, que derrubaram Dom Pedro II foi para o exílio, então fizeram a primeira constituição estabeleceu que tinha que haver a interiorização da capital, e não ficar como diziam os portugueses, como caranguejo à beira-mar, só à beira-mar.

**Débora Zampier:** O senhor falou que no começo, no Núcleo Bandeirantes parecia ‘velho oeste’, era perigoso naquela época?

**Rômulo Marccolo:** Não, não tinha violência. Dizem até que é porque não tinha mulher, todo mundo tinha trabalho. Faltava mão de obra especializada, se chegava como servente, começava a ajudar um carpinteiro, um pedreiro, logo virava, aprendia a profissão e, de pô massa de tijolo e tudo, e passou a pegar a colher também. E tinha os engenheiros, tinha os arquitetos. A mão de obra hoje em dia, para quê que a pessoa estuda? Para ter uma mão de obra qualificada. Hoje o mundo é das máquinas, então está se exigindo muito mais, de uma especialização maior também.

**Débora Zampier:** O senhor falou é que num queriam de jeito nenhum que Brasília saísse no começo e acabou saindo. Como era o clima aqui?

**Rômulo Marccolo:** O clima era saudável. Hoje tem a piscina também, então abaixa a temperatura. Não tinha carro, não tinha condução de escapamento, não tinha asfalto, não tinha. Era um cerradão com o lobo-guará e a seriema, não tinha ema, era seriema o que piava ali no plano piloto em cima.

**Débora Zampier:** Era comum encontrar animal selvagem ?

**Rômulo Marccolo:** Era mais ou menos. E cobras, eu fazia até coleção de alguns bichos. Criei uma caixa e comecei a pegar escorpião, lacraia, barbeiro, barbeiro transmissor da doença de Chagas, mostrar para os candangos. Mas, tinha cobra, tem para todo lado, e também naquela época existia a garganta do Paranoá, onde está hoje a barragem, eram correntezas violentas ali. A garganta permitiu que se fizesse em pouco tempo a barragem pra formar o lago. Esse lago soterrou uma vila que tinha na hoje Vila Planalto, tinha Vila Maurito está aí no fundo do lago.

**Débora Zampier:** A antiga Vila Planalto então hoje está no fundo do lago?

**Rômulo Marccolo:** É aquilo ali tudo, mais para baixo era tudo acampamento de trabalhadores.

**Débora Zampier:** E a poeira?

**Rômulo Marccolo:** Ah, poeira tinha. Na época da seca era poeira, na época da chuva era lama. Aliás, tem um que dizia que o tal do IAPI era medicina da poeira e da lama. Mas o hospital do IAPI estava longe das obras, estava no Núcleo Bandeirantes. Aqui no plano piloto é que tinha a medicina da poeira, na época da seca e o movimento das máquinas, não tinha asfalto, não tinha... E na época da chuva, as chuvas eram torrenciais naquela época, e eram cíclicas mesmo, começavam em outubro até março, quer dizer, a regularidade das chuvas, hoje já anarquizou com tudo, por que a poluição, o desmatamento e tudo isso, os prédios, o asfalto, tudo isso mudou o clima.

**Débora Zampier:** Depois que foi melhorando aqui, que foi chegando gente, que foi crescendo a cidade assim e tal começou a ter restaurante, cinema. O quê que o senhor gostava assim de fazer?

**Rômulo Marccolo:** Juscelino ficou menos de um ano como presidente da República morando em Brasília. Depois veio Jânio Quadros, o vice era o mesmo, o João Goulart, era o criador do PTB, ele só ficou oito meses. Depois, João Goulart que estava na China, foi uma briga, o Rio Grande do Sul levantou com o Brizolla e tiveram que aguentar o João Goulart dois anos e tanto. Quando chegou em 1964 veio o golpe militar, que dizem que seria em 1954, 10 anos antes, quando Getúlio Vargas suicidou. Então foram 21 anos de ditadura, primeiro o presidente Castelo Branco e aí o Brasil é ficou mais ou menos calmo, não queria fazer movimento nenhum. Antes tinha muita agitação. Agora, eu sou saudosista, mas a criatividade e o progresso num não obedecem à saudade. Acho que Brasília hoje onde está o poder federal e o poder local, tem três mazelas: a mobiliária, transporte, especulação de imobiliária desenfreado. Os fazendeiros aqui tudo parcelaram o diabo a quatro. Então a especulação, as três mazelas de Brasília é especulação imobiliária, especulação de transporte e burocracia federal. Aqui está o cofre da nação, aqui estão grandes negócios da nação. Aqui estão os grandes marginais de imposto de renda, paletó e gravata e é aqui que eles fazem.

**Débora Zampier:** O senhor fala que é um grande saudosista, de quê o senhor tem mais saudade?

**Rômulo Marccolo:** Não tenho saudade assim. Tem saudade de estar vivendo até 87 anos, não é isso? Já é uma felicidade. Saudade dos meus filhos, que eles fizeram a vida deles além da nossa expectativa. São duas filhas advogadas, três formaram na UnB, duas filhas advogadas, todas duas na justiça federal, como advogadas concursadas. Dois filhos médicos e mais dois sobrinhos médicos, todos fazendo urologia, fazendo uma medicina que eu não sei mais. Naquela época não cortava muito, hoje não, a parafernália tecnológica faz pequeno furo, quebra pequeno cálculo, entendeu? Faz transplante de rim com facilidade, quando em 1977 fizemos o primeiro transplante de rim no Brasil central, no hospital hoje universitário, mas foi contínuo.

**Débora Zampier:** Os filhos do senhor são todos brasilienses?

**Rômulo Marccolo:** Todos cinco. Nós perdemos um, cinco nasceram no hospital distrital, hospital de base. Todo de parto normal.

**Débora Zampier:** Onde foi morar quando o senhor formou família?

**Rômulo Marccolo:** Eu morei na 305 durante 18 anos e depois a gente mudou para aqui e em 1980. Então são 30 anos? E essas pedras da ponte das graças, só foi inaugurada em 1974, 14 anos depois da, da inauguração de Brasília.

**Débora Zampier:** Como que chegava aqui?

**Rômulo Marccolo:** Tinha que passar pelo aeroporto. Eu fiquei com um fusquinha 10 anos, fiquei com um, um opala 30 anos. Essa é a terceira casa das 20 dessa rua, e nessas três ruas moravam os engenheiros, são as ruas mais largas do lago e de Brasília, pode olhar seis carros, um ao lado do outro.

**Débora Zampier:** O senhor gosta mais de qual vizinhança?

**Rômulo Marccolo:** A melhor é a minha filha. É só atravessar a rua.

**Débora Zampier:** Todos os filhos moram aqui ou foram embora?

**Rômulo Marccolo:** Não, só eu e minha senhora.

**Débora Zampier:** Aqui em Brasília. Todo mundo mora aqui, se formou e ficou aqui?

**Rômulo Marccolo:** Todo mundo aqui, dois médicos e duas advogadas.

**Débora Zampier:** E hoje? O quê que o senhor gosta de fazer?

**Rômulo Marccolo:** Eu não posso fazer nada. Sou um inválido da pátria. Aposentado no Rio e tenho um voluntário da pátria, da guerra do Paraguai, eu era voluntário. Eu fui acionando os netos, eles estão aí, vão chegar aí, tenho cinco netas e um neto só. Sou um homem realizado, conheço profundamente Brasília. Que quando eu cheguei aqui era o cerradão do agreste, as cachoeiras do Paranoá e, sobretudo trabalho. O trabalho absorve as riquezas.

**Débora Zampier:** O senhor acha que Brasília correspondeu as expectativas de quando o senhor chegou aqui?

**Rômulo Marccolo:** Acho que Brasília explodiu, quase 3 milhões, 3 milhões. Ela explodiu hoje. Cidade satélite tão construindo prédio de 30 andares, tudo isso explodiu. Era para ter no ano 2000 assim, 500 mil, a estimativa era 500 mil.

**Débora Zampier:** E o senhor fica orgulhoso de saber que o senhor chegou aqui assim e ajudou a construir?

**Rômulo Marccolo:** Não, não fiquei orgulhoso não. Fiquei orgulhoso dos meus filhos. Quando eu fui para a Academia de Medicina, fui todas as entidades, cidadão honorário de Brasília, eu não pedia nada disso. Eu sempre citei, eu só faço isso porque não precisei e não preciso de título imobiliário, eu só faço isso por meus filhos, por que eles se fizeram além da nossa expectativa. A família é um núcleo. Meu avô era italiano lá de perto de Verona, já estive em Verona, era lavrador e analfabeto. Chegou aqui em 1850, por ai. Veio com, com uma leva de italianos para construir Belo Horizonte, mas tinha tanto italiano em Belo Horizonte que ele foi parar em São João de Neponucemo. Minha mãe era filha de portugueses. Eu não posso reclamar da vida, eu sou um homem realizado e vi a sociedade, eu por que fui o primeiro médico e vivi três anos dentro de um canteiro de obras.

**Débora Zampier:** Quanta coisa o senhor não deve ter visto!

**Rômulo Marccolo:** Ah, sim. Eu contei essa história, né? Estava aplicando a vacina tríplice no filho de um engenheiro aí ele disse: “ah, esse médico não serve, mas é o único que tem.”.

**Débora Zampier:** Nesses anos todos houve alguma outra história que você queira contar?

**Rômulo Marccolo:** A história mais importante não é minha, é do doutor Miguel Paes de Carvalho, que era meu compadre. Fui padrinho da filha dele e ele padrinho do Rômulo Marccolo e Irismar Borges que morreu com 40 anos, um mineiro, que fizemos os primeiros transplantes de rim em 1977, em dezembro. Está vivo até hoje, mora em Goiânia, tiramos o rim de uma, uma irmã e colocamos em um irmão. A cada 5 anos fazemos um, uma reunião encontro, em um mês, um número da associação médica de Brasília, dos 30 anos do transplante de rim. Depois fizemos mais dois, três, até 1992 que eu trabalhei no hospital de base, eu tirava todos os rins dos doadores vivos, uma mãe, pai ou irmão, que doavam, mas que tinha a melhor compatibilidade. Compatibilidade genética, senão há o fenômeno da rejeição.

**Débora Zampier:** Era uma operação muito delicada?

**Rômulo Marccolo:** Operação delicada depende das habilidades. Todo ser humano, os meus filhos têm isso, são competências e habilidades, habilidades manuais. Um bom cirurgião não é um cortador, um cirurgião não é o que abre todo mundo, um bom cirurgião é aquele que não deixa o seu rastro no doente, uma cicatriz feia, pedaço lá dentro, compressa eu nunca tive isso, chama-se erro médico. Esse tempo todo nunca tive um erro médico, perdesse um paciente porque não tinha jeito.

**Débora Zampier:** O senhor sente saudade de atuar na medicina?

**Rômulo Marccolo:** Não, na medicina não. Se operava muito para tirar uma pedrinha que estava entre o rim e a bexiga, tinha que abrir o sujeito para isso. Hoje não, hoje fura aqui, fura no fígado vai lá e quebra um cálculo enorme, tira, põe uma sonda e no outro dia vai embora.

**Débora Zampier:** O senhor não sente vontade de voltar a atuar na medicina?

**Rômulo Marccolo:** Fiquei igual Sodoma e Gomorra, não pode nem olhar para trás se não vira sal. É melhor não olhar pra trás, que a medicina, como todas as ciências com pesquisa e tecnologia de ponta deu saltos monstruosos.